

Comunicação,
Educação e Consumo

2ª SÍNTESE

Uso e produção de mídia na sala de aula

RELATÓRIO
2024

CÁTEDRA
M.A. BACCEGA

ESPM

INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No sexto ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram - pelo segundo ano consecutivo - realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio da Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Foram realizados dois grupos focais após o término do ano letivo de 2024, contabilizando a participação de nove educadores. A condução dos grupos focais foram alicerçadas em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos professores
- 2 | **Uso e produção de mídia na sala de aula**
- 3 | Consciência crítica do uso da mídia pelos alunos
- 4 | Projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

Nesta 2ª síntese, apresentamos as análises realizadas a partir dos relatos dos professores sobre o uso e a produção de mídia na sala de aula.

USO E PRODUÇÃO DE MÍDIA NA SALA DE AULA

O segundo bloco tratou das práticas e percepções relacionadas ao uso e à produção de mídia na sala de aula, com foco na escuta das experiências docentes quanto às estratégias adotadas, aos desafios enfrentados e aos impactos da legislação recente que proíbe o uso de celulares nas escolas. As falas dos educadores evidenciaram tanto a diversidade de recursos midiáticos utilizados quanto às tensões entre inovação pedagógica e restrições institucionais, destacando a necessidade de uma formação crítica e estruturada.

A partir das entrevistas, fica clara a presença das mídias digitais na sala de aula como uma realidade nas práticas pedagógicas atuais. Contudo, sua adoção ocorre de forma desigual e, muitas vezes, sem os recursos institucionais necessários para que esse uso seja crítico, formativo e efetivo no processo de ensino e aprendizagem. O que se observa, a partir dos relatos dos educadores, é uma tensão constante entre o potencial pedagógico das mídias e as limitações estruturais, técnicas e políticas do ambiente escolar.

Os educadores relatam que utilizam mídias como vídeos, podcasts, sites e plataformas digitais em diversas situações didáticas: para introduzir conteúdos, aprofundar discussões, realizar trabalhos em grupo ou promover formatos alternativos de avaliação. Em alguns contextos, seminários, que antes seguiam o formato padrão, foram substituídos por produções midiáticas livres, podendo os estudantes escolherem o formato para apresentar o conteúdo, como vídeos e podcasts. Essa mudança permitiu que os alunos demonstrassem seus aprendizados de maneira mais espontânea e criativa, além de revelarem habilidades técnicas frequentemente invisibilizadas nas práticas escolares tradicionais.

No entanto, essa prática ainda enfrenta desafios significativos. Em escolas com gestões mais rígidas, propostas inovadoras como gamificação, sala invertida ou uso de recursos interativos são limitadas ou mesmo proibidas pela própria liderança. Há casos em que o professor precisa recorrer a estratégias informais para incluir essas atividades, o que revela um descompasso entre as exigências curriculares e as possibilidades reais de mediação pedagógica. Nesse cenário, a tecnologia tende a ser usada “*como recurso pelo recurso*”, sem necessariamente fomentar processos de reflexão crítica.

A legislação que restringe o uso de celulares nas escolas trouxe impactos ambíguos. De um lado, a medida foi percebida como positiva por parte dos educadores, especialmente por contribuir com o controle dos conteúdos consumidos. Além disso, foram resgatadas práticas de socialização nos intervalos, como jogos de chão, esportes e música, fortalecendo os vínculos entre os estudantes.

Por outro lado, a proibição também expôs a ausência de projetos consistentes de letramento digital e formação para o uso consciente da tecnologia e do consumo de informações. "Se hoje temos uma lei que proíbe, é porque os estudantes não souberam moderar o uso dos celulares (me questiono se os adultos souberam ajudá-los nessa moderação)".

Apesar das limitações, há experiências que demonstram o potencial das mídias como ferramentas de protagonismo dos estudantes. Em algumas escolas, os alunos atuam na produção de conteúdo para divulgação institucional das próprias escolas, como entrevistas dos mais diversos tipos, vídeos informativos e campanhas internas. Essas ações não apenas mobilizam competências técnicas como também promovem o engajamento e o sentimento de pertencimento. É perceptível que os estudantes têm familiaridade com a tecnologia, mas isso não garante que estejam preparados para uma leitura crítica da informação ou para o uso responsável das redes.

Outro ponto de preocupação recorrente entre os educadores é o impacto do uso das redes sociais durante o processo de aprendizagem dos alunos. Muitos observam uma queda na paciência e na profundidade tanto do desenvolvimento do pensamento crítico como nas relações cotidianas, principalmente quando os estudantes confrontados com textos mais densos. Ao mesmo tempo, nota-se agilidade na criação de materiais digitais, como se houvesse um descompasso entre a forma e o conteúdo. Esse cenário reforça a necessidade de uma formação que não seja apenas técnica, mas também crítica, reflexiva e sensível às mudanças culturais e cognitivas em curso.

Por fim, os relatos indicam que a escola precisa avançar para além da simples disponibilização de plataformas e tecnologias. É necessário considerar a escuta ativa dos estudantes, reconhecer seus repertórios e transformar o espaço da sala de aula em um ambiente de análise, criação e debate. A formação docente continuada, aliada à melhoria da infraestrutura e ao investimento em políticas públicas, é fundamental para que a mediação das mídias na educação cumpra seu papel formador.

“

Alunos têm dificuldade de absorção de textos mais complexos e têm pouca paciência para elaborações mais profundas. Ao mesmo tempo, tem facilidade na produção de materiais com uso de mídia.

